



Comunicação e imaginário no Brasil

Contribuições do grupo

Imaginalis (2008–2019)

ORGANIZADO POR Anelise De Carli
E Ana Taís Martins Portanova Barros

EDITORA



IMAGINALIS

**Comunicação e imaginário no Brasil:
Contribuições do grupo Imaginalis (2008 – 2019)**
[e-book] / organizadoras: Anelise Angeli De Carli e
Ana Taís Martins Portanova Barros. – Porto Alegre:
Imaginalis, 2019.

ISBN: 978-85-69699-06-4

1. Comunicação 2. Imaginário
I. De Carli, Anelise Angeli
II. Barros, Ana Taís Martins Portanova
CDD: 070
CDU: 69699
Índices para catálogo sistemático:
1. Comunicação

Projeto gráfico, diagramação e capa Anelise De Carli
Revisão Os autores
Ilustração de capa Loudon, J.C. Arboretum et fruticetum
britannicum. London: H.G. Bohn, 1854.
Digitalizado pela University of Illinois
Urbana-Champaign
Ilustrações dos capítulos Banco de dados etc.usf.edu/clipart

EDITORA  **IMAGINALIS**

1ª edição, 2019
ufrgs.br/imaginalis
Distribuição gratuita
Licença Creative Commons BY-NC

A poética de Cláudia Andujar: um paralelo político- ambiental entre arte, fotografia e natureza¹

Rayane Lacerda | Ana Taís Martins Portanova Barros

A natureza é não só culturalmente, mas também antropológicamente considerada como essencialmente feminina. A metáfora do próprio planeta como uma Grande Mãe fonte de toda

¹ Trabalho apresentado no XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

a vida é recorrente, velada ou explicitamente, tanto no senso comum quanto na produção científica em Ciências Humanas. Não será exagero, assim, ver na devastação da natureza também uma devastação do feminino. Nesse sentido, adquire outra dimensão o estudo das questões ecológicas a partir da visão subjetiva de mulheres.

O olhar feminino sobre o mundo vem conquistando espaços de visibilidade e reconhecimento, tendo como exemplos os coletivos feministas que se estruturam para mostrar a produção fotográfica feita por mulheres e a criação de bancos de imagens captadas exclusivamente por elas. A exigência de força física para carregar os equipamentos de fotografia nos primeiros tempos do fotojornalismo, exemplificada por fotodocumentaristas que se encontravam “[...] vergados sob o peso de um equipamento de grandes dimensões e obrigados a transportar consigo —literalmente— o laboratório” (SOUSA, 1998, p. 21), resultava no recrutamento de fotógrafos pelos jornais entre os estivadores. Isso talvez tenha sido uma característica da masculinização dessa profissão que prosseguiu mesmo depois de terem sido introduzidas as câmeras de 35 mm, leves e ágeis. No entanto, como em tantas outras áreas, também no fotojornalismo as mulheres buscam seu espaço de realização. Então, pergunta-se: que olhar é esse que a mulher lança sobre o mundo? Não se trata aqui de comparar o feminino com o masculino e sim de se debruçar sobre as peculiaridades do trabalho fotográfico realizado por Cláudia Andujar.

Andujar chegou ao Brasil na década de 1930, vindo da Suíça, ainda muito pequena, com sua família. Na década de 1960,

cumprindo uma pauta para a revista *Realidade*, ela foi à Amazônia para registrar a construção da rodovia Transamazônica. Foi quando entrou em contato com os índios Yanomamis e fez deles o tema principal de sua fotografia pelo resto da vida².

Assim, o olhar feminino das fotografias e relaciona com a luta indígena por direitos humanos, políticos e sociais. Ailton Krenak, líder indígena, em entrevista ao Instituto Moreira Salles durante a exposição “Luta Yanomami” (2018), entende o trabalho de Cláudia “para além da beleza que ele tem” e percebe “a coragem de uma mulher que desafiou a burrice do Estado brasileiro”³. Nesse ponto, as falas de Krenak podem ser contextualizadas a partir da ação dos governos de separar a natureza da cultura indígena, apropriando-se e colonizando os saberes desses povos sobre a biodiversidade e a riqueza sociocultural distribuídas principalmente na Amazônia. Para Krenak, as autoridades carregam “um histórico de perseguir a melhor visão acerca de nós mesmos”⁴, ou seja, perseguir conhecimentos e invadir espaços físicos, psíquicos e espirituais que afetam e modificam a estrutura da humanidade, afinal “estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza” (CAPRA, 2006, p. 25) e a ela devemos o exercício da vida.

A conexão entre os povos indígenas e a natureza, seus saberes ancestrais sobre a biodiversidade brasileira está à mercê de

2 Disponível em: povosindigenas.com/claudia-andujar. Acesso em: 13 mar. 2019.

3 Disponível em: ims.com.br/exposicao/claudia-andujar-a-luta-yanomami-ims-paulista. Acesso em: 13 mar. 2019.

4 Disponível em: ims.com.br/exposicao/claudia-andujar-a-luta-yanomami-ims-paulista. Acesso em: 13 mar. 2019.

práticas não sustentáveis que prejudicam o meio ambiente e danificam a luta por direitos. Tais práticas são justificadas em formato político-administrativo direto ou por omissão (SHIRATORI, 2017), exemplificado pelo sucateamento da Fundação Nacional do Índio (Funai) a partir do fechamento de bases de proteção de povos indígenas, do não repasse de recursos públicos e do corte de verbas para a coordenação responsável pela proteção territorial e licenciamento ambiental – no caso, a Diretoria de Promoção ao Desenvolvimento Sustentável (SHIRATORI, 2017), vinculada à Funai. Com o corte de verbas públicas, os ambientes indígenas que desenham a proteção da natureza e da cultura brasileira são preteridos em relação ao agronegócio e à mineração, bem como a empreiteiras e petroleiras que destroem matas nativas, colocam em extinção as áreas florestais, matam peixes e rios, extraem madeiras ilegalmente e, conseqüentemente, paralisam o processo de demarcação de terras indígenas. Dessa forma, a entrega de terras indígenas para esses procedimentos permite a invasão de brancos, institucionalizando o crime⁵ de genocídio desses povos. Um exemplo disso se encontra na invasão e exploração da base Piranha, na qual a Funai desenvolvia o trabalho de proteção ao povo Himerimã, em que foi identificada a presença de brancos responsáveis por gerar “[...] inú-

5 De acordo com o Supremo Tribunal Federal (STF), “no sistema jurídico brasileiro temos repressão ao crime de genocídio em nível constitucional e infraconstitucional. Em termos de constituição, estabelece o art. 3º como objetivo da República Federativa do Brasil a promoção do bem de todos de forma equitativa, independente da etnia ou raça”. Disponível em: www.stf.jus.br/arquivo/cms/sobreStfCooperacaoInternacional/anexo/Respostas_Venice_Forum/3Port.pdf. Acesso em: 13 mar. 2019.

meros conflitos nos quais estima-se que parte considerável dos indígenas tenha sido assassinada e os sobreviventes, em virtude da violência do contato, tenham se refugiado no isolamento” (SHIRATORI, 2017, s/p). Assim, nota-se que a extinção da natureza significa extinguir, também, o feminino no olhar fotográfico e a sabedoria dos povos indígenas, uma vez que a natureza é o elo que conecta a vida e, portanto, “o que acontecer com a terra, acontecerá com os filhos e filhas da terra” (PERRY apud CAPRA, 2006, p. 9).

Dessa forma, pensando na relação sinestésica entre seres e meio ambiente, o fotojornalismo ambiental não se separa da noção de ecologismo popular e, no caso em estudo, ambos se atrelam ao olhar feminino presente na composição de imagens. Nesse sentido, ao considerar que “[...] as propriedades das partes podem ser entendidas apenas a partir da organização do todo” (CAPRA, 2006, p. 41), estabelece-se uma problemática norteadora que busca responder como o olhar feminino, com base no fotojornalismo ambiental, retrata o ecologismo popular por meio de fotografias que abordam a resistência e a luta dos Yanomamis.

O tripé fotografia, arte e meio ambiente

Neste trabalho, toma-se o fotojornalismo de cunho ambiental como ponto de partida para compreender as imagens de Cláudia Andujar. [Aqui, considera-se o fotojornalismo ambiental, enquanto fenômeno, apoiado sobre três pilares. Primeiro, há a capacidade informativa do fotojornalismo que, por si só,

tem poder para comunicar e transformar mundos internos e externos a partir do momento em que ocupa espaços sociais e humanos por meio do olhar. Segundo, incluem-se na prática fotojornalística as características do jornalismo ambiental que, por sua vez, compreende aspectos importantes para a vida humana tanto particular quanto em sociedade, alimentando-se de um ativismo ecológico (Belmonte, 2015) do qual depende a existência do planeta e seus ecossistemas. E, por último, alinha-se o terceiro pilar responsável por interpretar a arte nas fotografias, construindo um cenário poético visual atrelado à sustentabilidade que compreende a união das partes inseridas em um todo unificado. Em outro lugar (SILVA, 2018, p. 92), desenvolveu-se a ideia do fotojornalismo ambiental como “a visão orgânica e artística da existência, apresentada, compartilhada e informada por meio da linguagem visual fotográfica, sendo capaz de mobilizar e transformar o mundo em que se vive”. No caso do fotojornalismo com foco sobre o meio ambiente, acentuam-se as características de organicidade e de potencial transformador, levando-se em conta o necessário mergulho do fotógrafo na cena e o apelo afetivo que carrega a imagem.

Ao considerar que “uma das maiores ilusões que rondam a prática fotográfica diz respeito ao fato de que ela pode ser vista como um documento, uma comprovação de uma realidade objetiva” (SANTOS *et al.* 2015, p. 218), destaca-se que este trabalho vai de encontro a ideia de objetividade e neutralidade. Ele busca, sobretudo, entender as nuances de uma imagem, incluindo os aspectos relacionados ao jornalismo ambiental o qual tem o papel de “abordar conteúdos que incentivem a transformação

social para a questão ecológica” (SANTOS *et al.* 2015, p. 229). Afinal, já que “os processos de conotação e quebra da objetividade não são decorrentes de uma tecnologia avançada, com o intuito de enganar o leitor, mas sim do olhar do fotógrafo, sua visão do mundo” (LOHMANN; BARROS, 2016, p. 13), este trabalho entende o olhar sustentável de Cláudia Andujar a partir da sua visão e posição de mundo, ou seja, a perspectiva do feminino.

Ao trabalhar com os três pilares citados anteriormente (meio ambiente, fotografia e arte) inseridos na sustentabilidade do olhar fotojornalístico, considera-se a fotografia como capaz de trazer um olhar contextualizado sobre o ambiente, espaço em que a natureza se mostra na sua interdependência e o ser humano dela faz parte sem deixar de lado sua dimensão cultural. Além disso, ao considerar os diferentes lugares sociais de onde parte o olhar sobre as questões ambientais, esse trabalho se debruça, ainda, sobre a noção de ecologismo popular.

O ecologismo popular e a luta política pela vida

A noção de ecologismo popular, inserida por Alier (1998) e utilizada como base de análise, diz respeito a meios de perceber a luta pela causa ambiental. Dessa forma, há uma distinção entre o ecologismo dos ricos e dos pobres ao considerar os respec-

tivos contextos e posições de mundo, ou seja, como são afetados (ou não) pelas desigualdades sociais. Segundo o autor,

[...] naturalmente existe o ecologismo dos ricos, dos que se preocupam com a conservação dos grandes mamíferos ou protestam contra a perda de paisagens de que gozavam. O gasto cada vez maior de materiais e energia, a perda de diversidade biológica, a produção de resíduos faz perder a qualidade de vida, daí os protestos ecológicos cujo conteúdo é ‘se não há para todo mundo, que haja para nós’. Por outro lado, para os pobres, a questão é mais de sobrevivência que de qualidade de vida: *livelihood*, e não *quality of life*. Disto surgem os protestos contra a perda do acesso aos recursos naturais e aos serviços da natureza de que necessitam para viver (ALIER, 1998, p. 18).

Assim, o presente trabalho busca dar destaque ao ecologismo dos pobres, especificamente, já que condiz com a resistência indígena de manter os seus saberes, as suas terras e o seu direito à vida íntegros junto a vitalidade da natureza. Além disso, o autor soma às desigualdades sociais, as desigualdades “[...] espaciais e temporais no uso dos recursos e serviços da natureza” (ALIER, 1998, p. 18), o que se pode exemplificar com a cessão dos espaços indígenas a práticas não sustentáveis como o agronegócio e a mineração. Nesse sentido, Ribeiro (apud ALIER, 2017, p. 10) escreve, que os conflitos ambientais são, igualmente, tensões sociais que compreendem “[...] a constante luta de povos indígenas, quilombolas e ribeirinhos para manterem suas terras diante da pressão pela exploração mineral e/ou instalação de hidrelétricas”, além de considerar que esses povos “mantiveram durante séculos uma ação ambiental muito mais adequada ao tempo da natureza, o que permitiu a sua conservação” (RIBEIRO apud ALIER, 2017, p. 12). Essas afirmações confluem com o trabalho fotográfico de Cláudia Andujar, que retrata a luta e a

resistência indígena pela retomada de direitos historicamente colonizados.

À medida que se multiplicam as necessidades de bens materiais para consumo, cresce também o uso dos recursos naturais e, como resultado, geram-se mais resíduos e comprometem-se os ecossistemas e a biodiversidade (ALIER, 2017). Além da preocupação com aqueles que dispõem de pouco espaço ambiental, cita-se a luta a favor de grupos minoritários, a busca por justiça social e a preocupação com os humanos pobres de hoje⁶. Assim, ao pensar em grupos minoritários e na opressão sofrida a partir de desigualdades sociais, espaciais e temporais, pode-se incluir a resistência do olhar feminino em fotografias de cunho ambiental, especificamente, fotografias que registram a luta dos Yanomamis, segundo a posição política que a mulher ocupa na sociedade.

Cláudia Andujar, fotógrafa

Mulher, fotógrafa e poeta visual. Talvez essas palavras definam Cláudia Andujar. Após adquirir cidadania brasileira em 1975, Cláudia passou a utilizar a fotografia como forma de aproximação com o povo brasileiro a fim de conseguir se expressar em um novo contexto de vida (GONÇALVES, 2016). O seu trabalho

6 Fala-se em “humanos pobres de hoje” uma vez que Alier (2017) deixa claro a sua preocupação com os conflitos socioambientais atuais, sem priorizar especulações futuras ou enquadramentos específicos em gerações futuras.

artístico ganhou reconhecimento primeiramente pelo viés do fotojornalismo e, depois, abraçou uma

[...] fotografia de cunho expressivo com grande carga conceitual, estabelecendo um percurso artístico com uma poética voltada a questões sociais e existenciais e ao mesmo tempo com uma preocupação técnica e estética onde o invisível da cultura e religiosidade Yanomami se fizesse presente (GONÇALVES, 2016, p. 153).

Tanto a fotografia documental quanto as imagens de caráter experimental podem ser entendidas como áreas em que Andujar transitou pessoal e profissionalmente, já que “[...] na busca do documento, a alma sensível da artista fez desse pretexto um trampolim para um mergulho profundo na floresta, na alma de seus habitantes e em si mesma” (GONÇALVES, 2016, p. 153). Protagonista de uma trajetória trágica, com seu pai judeu perseguido e morto durante a Segunda Guerra Mundial e tendo que se refugiar junto de sua mãe na Suíça, Andujar retirou, desse contexto, o seu desejo por ajudar as pessoas. Durante o seu período refugiada, ela sentiu a necessidade de ajudar seus amigos de infância e demais familiares, mas o cenário político não permitiu que ela alcançasse esse objetivo. Em entrevista a Juan Esteves, a fotógrafa conta que se sentia muito impotente, pois almejava mudar aquela situação, mas não conseguia. Esse anseio levou-a a optar por trabalhar com grupos minoritários em suas fotografias (ESTEVES 2009 apud GONÇALVES, 2016). De acordo com Gonçalves (2016, p. 154), “[...] isso aponta para uma identificação com os excluídos, ao mesmo tempo em que indica um desejo messiânico de salvá-los, modo de, também, espiritualmente salvar-se”. Nesse sentido, pode-se iniciar o entendi-

mento sobre a luta política e social travada na vida de Andujar desde criança, quando já sofria com as consequências de um sistema político baseado na guerra, na violência e na perseguição de povos específicos. Relaciona-se, portanto, o seu contexto histórico-social com o registro artístico da luta Yanomami, o qual se encontra em uma relação próxima de propor sentido às suas singularidades e ao seu cotidiano, “[...] denunciando a política de morte que lhes foi imposta a partir do contato sistemático, ou procurando traduzir em imagens seus rituais sagrados, profundamente ligados à relação desse povo com espíritos da natureza” (NEVES; CARDOSO, 2017, p. 141).

Entretanto, pensando, ainda, no lugar de mundo ocupado por Andujar, aprofunda-se tal entendimento a partir do seu posicionamento enquanto mulher. A intenção é perceber como essa disposição é capaz de influenciar os seus registros fotográficos, uma vez que este trabalho toma a fotografia como um meio subjetivo e carregado de posições políticas.

Ao procurar a palavra “mulher” em um Dicionário de Português (2005) encontra-se a seguinte explicação: 1 pessoa adulta do sexo feminino. Cônjuge do sexo feminino; esposa. Com esse significado, é possível interpretar a posição na qual a mulher foi inserida histórica e culturalmente, fazendo uso restrito da colocação de esposa, de mulher *de* alguém, de mulher *para* alguém e de gênero que serve a sociedade por meio de papéis demarcados. Entretanto, um *ser mulher* compreende aspectos

mais profundos e significativos ao se traçarem relações entre natureza, política e espiritualidade.

Donner (1993, p. 245), afirma que as mulheres carregam “[...] uma capacidade única de perceber o conhecimento diretamente”. Segundo a autora, isso acontece por meio de uma ligação expansiva e abstrata com o conhecimento, o qual, por sua vez, é construído distintamente no caso do homem e da mulher. Donner (1993) explica que essa construção pode ser entendida pela metáfora do cone. Primeiramente, desenha-se um homem dentro de um cone e, após, desenha-se uma mulher inserida também em um cone, mas desta vez, com ele virado ao contrário. Entende-se, assim, que “os homens constroem o conhecimento passo a passo, sobem rumo ao conhecimento” (DONNER, 1993, p. 245). Já as mulheres, com o cone virado ao contrário, aberto como um funil, “são capazes de se abrirem diretamente para a fonte [do conhecimento], ou melhor, a fonte as alcança diretamente, na base larga do cone” (DONNER, 1993, p. 246). Com isso,

[...] o fato de as mulheres serem consideradas inferiores ou, no máximo, que as características femininas são consideradas complementares às do homem, tem a ver com o modo como os homens e as mulheres abordam o conhecimento (DONNER, 1993, p. 246).

A ligação da mulher com o espírito em si que, no caso, pode ser representado pela natureza, pelo meio ambiente e pela biodiversidade brasileira, especificamente, “[...] tem de ser encarada com um aspecto diferente, um aspecto que jamais foi usado: o lado feminino do raciocínio” (DONNER, 1993, p. 249). Relaciona-se, assim, tal concepção sobre a construção do conhecimento com o *princípio feminino* proposto por Shiva (1991 apud SILIPRAN-

DI 2000) com base nas formas de opressão da mulher e, consequentemente, da natureza. A autora conclui que há a necessidade de recuperar as formas criativas e femininas de ser e perceber o mundo, bem como recuperar a natureza enquanto um organismo vivo.⁷Além disso, o ecofeminismo, aqui, é olhado a partir de um recorte ocidental, já que o sujeito de estudo em questão é a artista Cláudia Andujar e as suas fotografias registradas no cenário indígena brasileiro. Nesse sentido, pode-se reconhecer que

o pensamento ocidental identifica, do ponto de vista político, a mulher com a Natureza e o homem com a cultura, sendo a cultura superior à Natureza; a cultura é uma forma de 'dominar' a Natureza; daí decorre a visão (do ecofeminismo) de que as mulheres teriam especial interesse em acabar com a dominação da Natureza, porque a sociedade sem exploração da Natureza seria uma condição para a libertação da mulher (SILIPRANDI, 2000, p. 63).

Assim, mulher, meio ambiente e política estão diretamente conectados entre si, dependendo um do outro para existir e, sobretudo, resistir. Ao mesmo tempo em que ocorre a depredação da biodiversidade, ocorre a depredação do próprio feminino e dos saberes que as mulheres carregam em sua ancestralidade.

7 Vandana Shiva é considerada uma das personagens principais da criação do ecofeminismo, uma corrente de pensamento que “tem orientado movimentos ambientalistas e feministas, desde a década de 1970, em várias partes do mundo, procurando fazer uma interconexão entre a dominação da Natureza e a dominação das mulheres” (SILIPRANDI, 2000, p. 61).

Então, questiona-se: que olhar artístico é esse que o feminino de Cláudia lança sobre o mundo?

A luta indígena na visão de Cláudia Andujar

Este trabalho inclina-se sobre as questões do olhar feminino presente na cobertura artística e fotojornalística de Cláudia Andujar, com destaque para a análise de quatro imagens específicas, as quais fazem parte do principal período de seu trabalho junto aos Yanomamis (1971-1977), antes do governo brasileiro acelerar o projeto de perseguição desse povo. As fotografias selecionadas para o processo de análise foram identificadas de maneira assistemática, mas igualmente com um propósito e um sentido. Com base na denominação inicial do fenômeno do fotojornalismo ambiental (SILVA, 2018), considerando o formato orgânico do tripé fotografia, arte e meio ambiente, foi possível perceber aspectos sobressaltados em uma observação prévia durante o processo de escolha. Além disso, esse recorte foi realizado a partir da delimitação de imagens disponíveis no meio online, a fim de facilitar o acesso e a própria aproximação deste estudo. As fotografias correspondem a uma obra de Andujar (1998), mas correm paralelamente no universo virtual, em endereços como do Instituto Moreira Salles (IMS)⁸, do Museu de Arte Moderna de

8 Disponível em: ims.com.br/exposicao/claudia-andujar-a-luta-yanomami-ims-paulista. Acesso em: 18 abr. 2019.

São Paulo (MAM)⁹, do Instituto Inhotim¹⁰ e do projeto Iconografia fotográfica dos povos indígenas¹¹. Os dois últimos disponibilizam um acervo mais consistente, com um número maior de imagens, e por isso foram escolhidos como fontes online de pesquisa, já que permitiu um leque maior de opções.

Dessa forma, após a seleção das imagens, desenhou-se o percurso de investigação junto a proposta de uma análise fotográfica exploratória com base em indicadores e critérios nascidos da delimitação teórica. Como indicadores entende-se os pontos específicos que constroem o trajeto a ser caminhado, com destaque para a luta política dos Yanomamis, o ecofeminismo, a construção feminina do conhecimento e como eles se relacionam com aspectos fotográficos, ambientais e artísticos (os quais podem ser entendidos como o filtro que permite ao olhar feminino *ver*). Já como critérios, elegem-se o olhar feminino e o ecologismo dos pobres, os quais, a partir dos traços indicativos, são chaves para alcançar o entendimento necessário para responder como esse olhar retrata o próprio ecologismo popular a partir de fotografias que abordam a resistência social, política, humana, cultural e, ainda, ambiental. Para sintetizar, os indicadores seriam a construção do ato de caminhar (simbolicamente), a partir

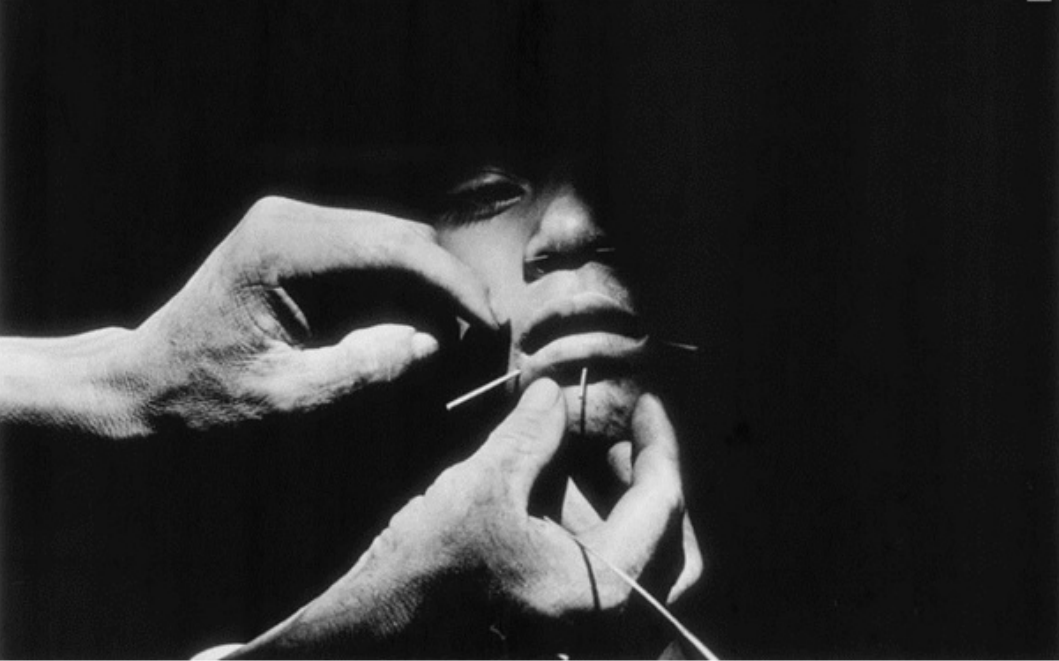
9 Disponível em: mam.org.br/acervo/2002-051-andujar-claudia. Acesso em: 18 abr. 2018.

10 Disponível em: inhotim.org.br/claudiaandujar/?page_id=27. Acesso em: 18 mar. 2019.

11 Disponível em: povosindigenas.com/claudia-andujar. Acesso em: 18 abr. 2019.

da prática foto-ambiental, e os critérios os fatores que nos levam às possibilidades de destino.

Fotografia 1: {Sem título}



Fonte: ANDUJAR, Cláudia. *Yanomami: A Casa, a Floresta, o Invisível*. São Paulo: DBA, 1998.

Nesta fotografia, inicia-se a interpretação da narrativa imagética tanto por meio da expressão humana contextualizada pela face do sujeito, quanto pelas mãos da segunda pessoa que participa da composição. O semblante do indígena comunica o

sentimento de luta, persistência, resistência e determinação por meio de um olhar forte, firme, íntegro e principalmente corajoso. Esse sentido simbólico une-se com a segurança, o apoio e o cuidado transmitidos pelo par de mãos como se os dois sujeitos – o do rosto e o das mãos – mantivessem uma relação próxima de afeto mútuo, ao ponto de um confiar ao outro o processo de inserção cultural (já que as mãos estão colocando costuras na parte inferior do rosto, como acontece na cultura indígena). Isso permite inferir que o indígena representado pelo rosto está se preparando para uma luta, uma batalha travada entre índios e brancos, entre libertação e colonização ou até mesmo entre proteção e destruição da natureza, trazendo à tona os preceitos do ecologismo popular. Nesse sentido, relaciona-se o olhar firme do sujeito com o próprio olhar feminino de Cláudia, uma vez que, entre diversas possibilidades, ela teve a intenção de retratar este olhar, especificamente, espelhando na imagem o seu próprio desejo interno de batalhar pelos direitos das mulheres de existir junto aos preceitos orgânicos do meio ambiente. Dessa forma, a partir do indicativo de análise que se associa à forma de homens e mulheres construir o conhecimento, é possível afirmar que essa fotografia do olhar indígena, inserido na interpretação política e social de luta, diz respeito ao modo feminino de acessar ensinamentos. Isso é justificado ao se pensar no enquadramento (tanto perceptivo quanto propriamente técnico da produção da imagem) que se aproximada ideia do cone virado para baixo, semelhante a um funil, como se a conexão direta com a fonte do conhecimento, conforme explica Donner (1993), estivesse

presente, também, na conexão direta estabelecida através da expressão visual do sujeito.

Fotografia 2: {Sem título}



Fonte: ANDUJAR, Cláudia. Yanomami: A Casa, a Floresta, o Invisível. São Paulo: DBA, 1998.

Nesta segunda fotografia, o ecologismo popular é capaz de conduzir o leitor a um debate sobre a percepção do branco em relação aos indígenas e suas culturas. Ao se pensar nas características dessa temática, nota-se que se dá um destaque necessá-

rio para o uso justo de espaços físicos, sociais e, ainda, psíquicos, já que o indígena retratado se mostra à vontade no ambiente natural (em uma floresta, ao que tudo indica), deitado em uma rede com uma expressão corporal suave e aérea, sem grandes esforços para sustentar o próprio corpo (afinal, a rede desempenha essa função). Com isso, pode-se avançar sobre a inserção do olhar do branco nesses contextos delicados que percorrem um tênue caminho entre a visão próxima de Andujar enquanto artista visual e uma possível colonização por meio do uso da câmera fotográfica, a qual se posiciona apontada ao sujeito no seu ambiente de origem. Questiona-se, assim, o processo de intervenção da câmera fotográfica no contexto indígena. Partindo do pressuposto de que o resultado obtido pela câmera, isto é, a imagem, é subjetivo e mais constrói do que retrata a realidade, pode-se dizer que o processo de fotografar um sujeito, no caso, um Yanomami, é filtrado por aspectos pessoais e íntimos do próprio fotógrafo. Será que isso poderia corresponder a uma colonização dos indígenas por parte de Andujar? Ao se pensar nos processos subjetivos, não. Pensemos nas nuances da relação direta, próxima, delicada, sensível e sobretudo consciente que a fotógrafa manteve com os Yanomamis. Em cenários descritos anteriormente, nota-se que houve um cuidado estrito na sua aproximação com os indígenas, cooperando para que ambas subjetividades se correlacionassem, resultando em imagens simbólicas cheias de sentidos políticos e artísticos. Além disso, a própria imagem em questão discursa sobre essa intimidade, pois o sujeito se mostra vulnerável, com o corpo virado para baixo e o rosto escondido. Dessa forma, o sentido simbólico presente na posição corporal

mostra que há familiaridade e intimidade estruturadas, já que o indígena não está olhando diretamente para câmera e se permite estar despreparado na presença de Andujar. Entre a subjetividade da fotógrafa e a subjetividade indígena, está o olhar feminino desenhado pela percepção sensível, humilde e imaterial compartilhada pela imagem.

Fotografia 3: Homem com fumaça.



Fonte: ANDUJAR, Cláudia. Yanomami: A Casa, a Floresta, o Invisível. São Paulo: DBA, 1998.

Como a imagem anterior, essa fotografia também mostra um Yanomami suspenso por uma rede, mas avança um sentido espiritual e místico. A fumaça insinua o exercício de um ritual (potencializado por ela estar localizada na cabeça do sujeito) e de um processo indígena de uso consciente e sustentável de plantas medicinais para desenvolver a própria conexão com o planeta por meio da metáfora da Grande Mãe, de modo que a respeito ao indicador da luta Yanomami, isto é, ao ecologismo popular, essa imagem carrega um sentido que representa a resistência em manter vivos os saberes ancestrais de cuidados e preservação da biodiversidade, dos ecossistemas e das florestas brasileiras. Rituais como o representado aqui podem ser entendidos como um caminho para a resistência Yanomami, que sofre constantemente com a colonização e com os ataques às suas terras e aos seus conhecimentos ambientais, além dos próprios ataques físicos que, muitas vezes, indicam o genocídio desse povo. A representação na fotografia de Andujar harmoniza a sua intenção perceptiva ao enquadrar a fumaça de uma maneira ampla, abundante e poética ao ponto de se assemelhar a pintura de um quadro. A leitura dessa fumaça pode ser aproximada da mesma sensação que é despertada quando se avista uma nuvem no céu: leveza, flutuação, delicadeza e efemeridade. Nessas características encontra-se o olhar feminino, pois ao mesmo tempo em que Andujar busca, junto aos Yanomamis, a sua própria resistência enquanto mulher dotada de influências da natureza (ecofeminismo), ela

também apresenta uma fotografia emblemática na sua estrutura mais profunda.

Fotografia 4: {Sem título}



Fonte: ANDUJAR, Cláudia. Yanomami: A Casa, a Floresta, o Invisível. São Paulo: DBA, 1998.

Na quarta e última imagem desta análise, aborda-se o olhar de Cláudia a partir da composição que abraça sujeitos propriamente femininos, no caso, duas indígenas que descansam em redes, no seu ambiente natural. Nesse sentido, a forma como

as mulheres têm acesso direto a fonte do conhecimento (Donner, 1993) pode ser relacionada ao fato das indígenas terem sido fotografadas em um contexto sonolento, de descanso e relaxamento. Afinal, não poderiam ser os sonhos também ferramentas para se abrir à consciência? De certo modo, é possível justificar que ao dormirem juntas no cenário da floresta brasileira, os seus sonhos se potencializam de acordo com as energias femininas que se entrelaçam e emergem enquanto substância natural. A fotógrafa, ao mostrar sensibilidade perceptiva para registrar esse momento, pode ter sido influenciada pela aquisição de conhecimento diretamente da fonte através da base larga do cone, uma vez que é necessário incluir aspectos sociais e psíquicos particulares para transformar o simples ato de dormir em um sentido simbólico. Junto a isso, encontram-se alguns aspectos fotográficos os quais também podem se relacionar com a visão feminina de Andujar. Considerando que esta imagem é a terceira a utilizar um fundo escuro para destacar o objetivo principal (os sujeitos e seus contextos) em tons de branco e cinza, nota-se a maneira poética que a fotógrafa retrata os Yanomamis, mantendo uma constante intimista, reservada, particular e até mesmo minuciosa. É como se o leitor tivesse que cavar a imagem para encontrar os sentidos que, por sua vez, encontram-se naturalmente intrínsecos, porém acobertados por uma opacidade sedutora.

Considerações finais

Com base nos preceitos teóricos e analíticos apresentados, pode-se compreender os diferenciais que participam das ima-

gens compostas através do feminino de Cláudia Andujar. O ecologismo popular surge por meio de olhares de resistência e de luta, tendo na sua base orgânica o fotojornalismo ambiental. Assim, Andujar torna possível a construção imagética de passos demarcados em um caminho simultaneamente político e poético. Isso ocorre ao registrar o enfrentamento Yanomami de forma intimista e poética, transcendendo a sua visão de mundo racional para um olhar sustentável, espiritual e orgânico. Ela utiliza a própria cultura indígena, fotografada, para mostrar a necessidade urgente da sua preservação junto a natureza brasileira. A sensibilidade é peça fundamental para a construção do olhar feminino, não somente pelo conteúdo que o trabalho de Andujar reflete, mas também por *como* ele reflete, resultando em diversos efeitos que se sucedem nesse processo de troca.

Além disso, a metáfora da natureza como uma Grande Mãe também pode ser identificada no trabalho de Andujar e no olhar feminino. Ao perceber a luta Yanomami como uma inspiração para a sua própria batalha enquanto mulher conectada intrinsecamente com o meio ambiente, a fotógrafa cria um envolvimento expressivo em sua grandeza, mas também imenso em seu valor. Pode-se dizer que quando os Yanomomiprecisaram de uma representante para despertar no resto do mundo a simpatia com a sua cultura, Andujar os abraçou, assim como a Grande Mãemitológica abraça seus filhos. Andujar, fotógrafa e mulher, lança

para o mundo um olhar sensível, orgânico e harmonioso, mas também apreensivo, resistente e desafiador.

Referências

ALIER, J.M. *Da economia ecológica ao ecologismo popular*. Blumenau: FURB, 1998.

ALIER, J.M. *Ecologismo dos podres: conflitos ambientais e linguagens de valoração*. São Paulo: Contexto, 2017.

BELMONTE, R.V. *A construção do discurso da economia verde na revista Página 22*. 2015. 180 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

CAPRA, F. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix, 2006.

COSTA, H. Um olhar que aprisiona o outro: o retrato do índio e o papel do fotojornalismo na revista O Cruzeiro. *Imagens*, São Paulo, n. 2, p.82-91, ago. 1994.

DICIONÁRIO de português. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2005.

DONNER, F. *Sonhos Lúcidos: uma iniciação ao mundo dos feiticeiros*. Rio de Janeiro: Nova Era, 1993.

GONÇALVES, S.M.L.P. A alma da floresta: Sonhos, por Cláudia Andujar. *Revista Gama, Estudos Artísticos*, Lisboa, v. 7, n. 4, p.152-160, 10 jan. 2016. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/34093/2/ULFBA_Gv4_iss7_p152-160.pdf. Acesso em: 18 mar. 2019.

LOHMANN, R.; BARROS, A.T.M.P. Escapes da retórica da objetividade nas fotografias do Jornal Zero Hora. *Rizoma*, Santa Cruz do Sul, v. 4, n. 1, p.138-152, ago. 2016.

NEVES, I. S.; CARDOSO, A. S. P. Pelos olhos de Cláudia Andujar: necropolítica e coetaneidade entre os Yanomami. *Revista Eletrônica de Estudos do Discurso e do Corpo*, Vitória da Conquista, v. 11, n. 1, p.140-157, jan/jun 2017. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/redisco/article/viewFile/6190/5908>. Acesso em: 18 mar. 2019.

Santos, H.S. et al. Fotografia e meio ambiente: possíveis usos e interpretações. In: Congresso Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental, 3., 2015, São Paulo. *Anais eletrônicos...* Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS, 2016. p. 2017-237. Disponível em: <https://anaisenpja.files.wordpress.com/2016/01/217-237-santos.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2019.

SHIRATORI, K. A asfixia da Funai e o genocídio anunciado. *El País Brasil*, 08 maio 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/08/opinion/1494269412_702204.html. Acesso em: 13 mar. 2019.

SILIPRANDI, E. Ecofeminismo: contribuições e limites para a abordagem de políticas ambientais. *Agroecologia e Desenv. Rur. Sustent.*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p.61-71, jan./mar. 2000.

SILVA, R.L.V. *Fotojornalismo ambiental: a sustentabilidade do olhar*. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo). Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

SOUSA, J.P. *Uma história crítica do fotojornalismo ocidental*. Porto, 1998. 320 p. Disponível em: <https://focusfoto.com.br/wp-content/uploads/2012/04/HISTORIA-CRITICA-DO-FOTOJORNALISMO-OCIDENTAL.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2019.